



2201 - Trabalho Completo - XII ANPEd-SUL (2018)
Eixo Temático 19 - Educação e Arte

A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NO ESPAÇO ESCOLAR: A ARTE DA PERFORMANCE
Roger Andrei de Castro Vasconcelos - UCS - Universidade de Caxias do Sul

Este artigo tem por objetivo perquirar a presença da expressão corporal, voz e movimento, constituída como *performance*, na contação de histórias, no espaço escolar de Caxias do Sul. Optou-se pela abordagem de pesquisa qualitativa, valendo-se do método de investigação bibliográfica associado à técnica da entrevista com cinco contadoras de histórias, professoras da Rede Municipal de Ensino de Caxias do Sul, em busca do apontamento de critérios artísticos e caminhos para a contação de histórias. A fundamentação teórica apoiou-se em Girardello (2012), Sisto (2012) e Zumthor (2000) ao refletir acerca do ato de contar histórias, suas conexões artísticas e a *performance*. Os resultados deste estudo apresentam a trajetória percorrida por um professor, na função do contador de histórias, e suas relações com as artes cênicas para qualificar sua ação de motivação ao hábito da leitura. Apresenta-se, também, um panorama dos educadores que atuam como contadores de histórias na Rede Municipal de Caxias do Sul e suas estratégias para o fomento à leitura. Como conclusão, este estudo sinaliza a importância da permanente relação das artes com a ação de contar histórias, bem como a promoção e formação de leitores, principalmente no ambiente escolar, partindo da realidade presenciada em Caxias do Sul.

A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NO ESPAÇO ESCOLAR: A ARTE DA PERFORMANCE

RESUMO

Este artigo tem por objetivo perquirar a presença da expressão corporal, voz e movimento, constituída como *performance*, na contação de histórias, no espaço escolar de Caxias do Sul. Optou-se pela abordagem de pesquisa qualitativa, valendo-se do método de investigação bibliográfica associado à técnica da entrevista com cinco contadoras de histórias, professoras da Rede Municipal de Ensino de Caxias do Sul, em busca do apontamento de critérios artísticos e caminhos para a contação de histórias. A fundamentação teórica apoiou-se em Girardello (2012), Sisto (2012) e Zumthor (2000) ao refletir acerca do ato de contar histórias, suas conexões artísticas e a *performance*. Os resultados deste estudo apresentam a trajetória percorrida por um professor, na função do contador de histórias, e suas relações com as artes cênicas para qualificar sua ação de motivação ao hábito da leitura. Apresenta-se, também, um panorama dos educadores que atuam como contadores de histórias na Rede Municipal de Caxias do Sul e suas estratégias para o fomento à leitura. Como conclusão, este estudo sinaliza a importância da permanente relação das artes com a ação de contar histórias, bem como a promoção e formação de leitores, principalmente no ambiente escolar, partindo da realidade presenciada em Caxias do Sul.

Palavras-chave: Contação de Histórias. Performance. Voz. Expressão Corporal. Movimento. Professor. Contadores de Histórias. Leitura.

-
-

INTRODUÇÃO

As expressões artísticas apresentam possibilidades infinitas. Nesse sentido, importa compreender a contação de histórias como uma ação que se fortalece no espaço escolar com o auxílio de outras artes. O objetivo deste estudo foi pesquisar a contação de histórias como *performance*, ancorando-nos em Zumthor (2000, p. 59), enriquecida pela presença da expressão corporal, voz e movimento. Buscou-se, por meio de entrevistas com cinco professoras contadoras de histórias, do município de Caxias do Sul, Serra Gaúcha, reconhecer nas suas trajetórias profissionais, as relações com as mais variadas expressões culturais, com ênfase no uso da voz, corpo e movimento, a fim de qualificar as contações de histórias e motivar ao gosto pela leitura.

Para contarmos histórias, valemo-nos dos mais variados métodos, buscando em diferentes expressões artísticas elementos que possam nos auxiliar na ação de compartilhar uma história. A contação de histórias é um caminho para o desenvolvimento do gosto artístico no universo escolar; muitas crianças assistem primeiro a uma contação de histórias para depois acompanhar peças de teatro, espetáculos de dança e outras manifestações artísticas. O ato de contar uma história no espaço escolar convida o aluno ao fabular, ao criar e imaginar. Quando, na infância, assistimos a uma contação podemos compreender a mesma como uma *performance* artística, e nosso olhar envolve-se com a dança do contador, a expressão cênica, a voz, os instrumentos musicais, figurinos e todos os demais elementos artísticos que possam estar inseridos na atividade do contador.

Sob esse aspecto, a contação de histórias, que se constitui em importante ferramenta na formação do leitor literário, desenvolvendo a linguagem e o senso crítico e, principalmente, mobilizando o imaginário ao lembrar, fabular ou recriar histórias já vividas ou inimagináveis, torna-se ação cercada de elementos artísticos, convidando a plateia à leitura das artes. O narrador de histórias é um intermediário de sonhos; tem a tarefa de envolver o espectador, dando vida a sua imaginação, seus anseios e sentimentos. Quem conta histórias cria e recria cenários, aproxima crianças e adultos do universo artístico literário, promovendo o contato com as suas histórias de vida, com quem os cerca e, posteriormente, com diversas manifestações culturais. O espaço escolar nos apresenta contadores de histórias que se valem da utilização de recursos artísticos para envolver e encantar suas plateias nas mais diferentes idades.

Ao contar uma história, percebemos um artista nos ofertando uma obra literária, por sua *performance* damos vida aos personagens do conto, criamos cenários. As professoras pesquisadas em Caxias do Sul não pegam um livro, abrem o mesmo e fazem uma leitura linear da obra para seus alunos; as mesmas preparam a história, buscam textos de maior interesse para cada grupo, leem e releem até a primeira contação. O desempenho cênico do contador é também improvisado, adaptação rápida para ganhar a atenção de sua plateia; o tom de voz ganha falsetes para cada personagem, o corpo expressa-se de diferentes formas, objetivando que os olhares do público sigam em movimento com o contador.

A Contação de Histórias como *performance* artística

Contar uma história, seja ela ação simples ou elaborada, é para o espectador uma *performance* artística. O neto, o filho, o aluno, seja quem for o espectador, sempre reconhecerá o narrador da história como alguém com habilidades artísticas, inicialmente pela oralidade e, tão logo, no espaço escolar por outras competências cênicas.

Para mobilizar a imaginação do espectador, o narrador de histórias mostra-se um artista performático, transmitindo seus contos por meio de voz, corpo, gesto e elementos cênicos. “A *performance* está presente. Você só pode me falar neste exato instante e eu não posso ouvir nada do passado” (ZUMTHOR, 1997, p. 61). Este personagem que motiva o envolvimento com tantas histórias é o próprio criador do efêmero, cria uma *performance* única, “[...] designa um ato de comunicação como tal; refere-se a um momento tomado como presente. A palavra significa a presença concreta de participantes nesse ato de maneira imediata.” (ZUMTHOR, 2000, p. 59).

Ao iniciar sua ação, o contador pulsa, e a plateia o acompanha, envolvendo-se com a história que, ao mesmo tempo, passa a ser sua. Ele, o contador, promove uma vibração corporal no grupo, que é ele próprio, e a *performance* é criada neste momento; a história lhe pertence, a noção da presença de um corpo como elemento fundamental para a tarefa é compreendida. A contação de histórias como manifestação artística permite interação entre contador e público, o corpo e a voz propiciam experiências coletivas, dificilmente percebidas nos atropelos da vida moderna, mas eternizadas no instante em que os elementos físicos do contador encontraram-se com os sentidos de seus espectadores.

O corpo é o peso sentido na experiência que faço (...). Meu corpo é a materialização daquilo que me é próprio, realidade vivida e que determina minha relação com o mundo (...). Na situação performática, a presença corporal do ouvinte e do intérprete é presença plena, carregada de poderes sensoriais, simultaneamente, em vigília. (ZUMTHOR, 2000, p. 28 e 80).

Para um contador de histórias, o texto interpretado, contado ou recontado, significa a sua própria realização, um desejo pleno ao conseguir a atenção do público por meio da arte; por isso, uma história, para ser contada, precisa antes sensibilizar o contador, somente assim conseguirá envolver seu público.

Um professor que escolhe narrar histórias na escola está cercado de responsabilidades, de objetivos, enquanto um artista que percorre muitos lugares realizando esse ofício, participando de eventos literários, por exemplo, não carrega as cobranças necessárias que um ambiente escolar impõe. No ambiente escolar, o profissional torna-se um mediador, fazendo da sua contação palco para o livro, e não para a sua *performance*, o que acontece frequentemente em eventos públicos, devido à necessidade de envolver a plateia.

Mesmo assim, a contação de histórias interage com outras formas artísticas no espaço escolar, convidando o aluno para se envolver e refletir sobre as mesmas, formando plateia para o livro e, posteriormente, para o teatro, para uma exposição de artes plásticas ou para um espetáculo de dança. Ao contar histórias, a *performance* do professor contador apresenta, aos estudantes, inúmeras janelas para a arte.

Descortinarmos as vidraças para a compreensão da contação de histórias e suas *performances* para a posterior conexão com os espaços escolares até a utilização de outras expressões artísticas é fato primordial na sua constituição. Antes mesmo do surgimento da escrita, como a conhecemos hoje, com seus símbolos e códigos, as pessoas se comunicavam por meio dos gestos, da mímica, do ritmo, da oralidade e de outros elementos. Estes modos de comunicação humana não desapareceram com a escrita, mas ela “agregou novos itens como lógica, sequenciamento, deciframento, recomposição imagética, reflexão” (YUNES, 2012 p. 60), ampliando as possibilidades entre o contador de histórias e o ouvinte, com o surgimento de outros elementos além do corpo e da voz.

Assim, traz-se uma pergunta: Como é este contador de histórias que fascina e envolve tantos públicos com diferentes histórias de recantos mais distantes, contando a história da humanidade? Busatto (2003) pontua que contos de literatura oral mundial ganharam as vozes destes contadores e hoje “antropólogos, folcloristas, historiadores, literatos, linguistas e outros entusiastas do imaginário popular saíram a campo para coletar e registrar estes contos, fosse através da escrita ou outras tecnologias” (BUSATTO, 2003, p. 20). O contador de histórias multiplicou contos e lendas, atualmente encontrando no espaço escolar uma tarefa ainda mais importante, a de aproximar a literatura do estudante.

A narração de histórias nos surge de várias formas na escola, na biblioteca, em grupos de amigos, mas, muitas vezes, as histórias que mais resistem ao tempo em nossa memória são as contadas em família. Podem até não terem sido evidentemente uma contação, pode ter sido um recitar de poesia, um cantarolar melódico, uma peça de teatro, porém ficam os registros destes momentos concretizados pela literatura.

Um grupo de pessoas aproxima-se de um contador de histórias pela sua força ou delicadeza de linguagem, pelo ritmo das palavras, pela sua dança corporal. Quem teve a sorte, na infância, de conhecer a literatura transmitida oralmente, sabe que nossos familiares mais velhos não precisavam bailar para nos envolver em suas histórias, bastava que nos chamassem ao seu lado ou, por que não, no seu colo, e nos contassem suas histórias, as quais aguçariam a fantasia.

Quem ensinou um contador a nadar entre as palavras e metáforas literárias, ligando tantos mundos? Quem nos contou as primeiras histórias? Para muitos de nós, nossos antigos – avós ou vizinhos mais idosos, artistas do coração. Segundo Yunes (2012), a contação de histórias foi sempre um momento de ricas experiências na infância; muitas das histórias contadas acabavam por se tornar causos daquela localidade, um misto entre fantasia, sonho e realidade. A tradição oral, o uso da palavra para resgatar histórias populares, tornou-se cada vez mais uma “prática sedutora e fascinante, capaz de reunir um público heterogêneo em idade e interesses” (YUNES, 2012, p. 61). Girardello (2012) apresenta a lembrança de seu avô, contador de histórias e livreiro com alma de poeta:

[...] fecho os olhos, em busca das imagens de quem me contou histórias quando eu era pequena, muitas vezes emerge em mim a lembrança de um fim de manhã, na cidadezinha gaúcha de Getúlio Vargas da década de 1960, em que me vejo em uma cadeira de balanço, no colo do meu avô Rafael, um livreiro com alma de poeta. (GIRARDELLO, 2012, p. 42).

Estas lembranças, relações estabelecidas enquanto somos jovens, formam nosso mapa humano desenhado pelas histórias. Para algumas crianças em idade escolar, quando se deparam em uma biblioteca, iniciam uma aventura interminável por livros e personagens inimagináveis, fiéis companheiros de muitas aventuras, brincadeiras e segredos. Ao chegarmos na fase adulta e adentramos o espaço literário, muitas vezes buscamos rapidamente os livros das histórias anteriormente contadas, como afirma (BANDINI, 2012, p. 80): “o primeiro livro que busquei foi uma edição de *O Gato de Botas*, a mesma que meu pai havia nos mostrado”. Neste relato, temos dois elos fundamentais que aproximam a criança da literatura; um é a presença do pai no desenvolvimento do filho e outro é a visita à biblioteca.

Muitos são os contadores de histórias, hoje adultos, que na infância envolveram-se com os livros de muitas formas para mais tarde seguirem uma trajetória entre o imaginário e o real, contando histórias lidas, vividas e sentidas emocional e corporalmente; assim temos um verdadeiro contador de histórias.

No ofício de contador de histórias, buscamos sempre envolver a plateia, tentando levá-la para outro lugar e tempo por meio da imaginação. A partir da *performance*, conseguimos provocar uma identificação coletiva com a história. As experiências de vida possibilitam inúmeras interações entre os indivíduos, diferentes processos de transformação. No instante em que obtemos o olhar de todos os espectadores, estamos em processo de transformação. “O corpo é, ao mesmo tempo, o ponto de partida, o ponto de origem e o referente do discurso” (ZUMTHOR, 2000, p. 90). Mas nos potencializamos este corpo para a contação? Como nos permitimos experimentar sensações? Como

podemos executar essa tarefa se, muitas vezes, não conseguimos usar nossas potencialidades de expressão diante dos estudantes? Benjamin (1996) assegura o seguinte:

Torna-se cada vez mais raro o encontro com pessoas que sabem narrar alguma coisa direito. É cada vez mais frequente espalhar-se em volta o embaraço quando se anuncia o desejo de ouvir histórias, como se uma faculdade, que nos parecia inalienável, a mais garantida entre as coisas seguras, nos fosse retirada. (BENJAMIM, 1996, p. 57).

Ao promover o livro intermediado pela narração de histórias, é importante nos permitirmos sair do espaço comum e dar vida aos personagens, ao universo literário proposto pela obra que iremos contar. E esse exercício não está ligado à obrigação, mas sim ao prazer, à fruição do ser transcendendo limites, estabelecendo relações com cada espectador, ao mesmo tempo em que envolve a plateia com a história.

A contação de histórias acontece realmente quando contador e plateia estão em sintonia, quando as experiências trazidas pelo contador deixam de pertencer somente a este e agora são também de cada espectador. O olhar do contador deixa uma lágrima correr, e muitos ao seu redor valem-se da mesma emoção e entregam-se ao choro também. Na contação, convida-se cada pessoa presente para viver diferentes experiências. A esse respeito, Bondía afirma:

É experiência aquilo que "nos passa", ou nos toca, ou que nos acontece, e, ao nos passar, nos forma e nos transforma. Somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação (...). Se a experiência não é o que acontece, mas o que nos acontece, duas pessoas, ainda que enfrentem o mesmo acontecimento, não fazem a mesma experiência. (BONDIA, 2002, p. 26-27).

Os fatos apresentados durante uma sessão de contação são os mesmos, mas cada receptor fará a sua interpretação, vai buscar nos seus registros formas diferente de viver estes acontecimentos, de construir a sua própria história. Quando há contação de histórias, existe intercâmbio entre contador e público, logo, cada vez que a história for contada, ela será interpretada de um modo diferenciado, conforme a plateia a que se dirige, com o ambiente da contação e com o estado emocional do próprio contador.

Seria possível afirmar que, a cada contação, uma nova história é apresentada, mesmo que o enredo seja o mesmo, que o contador tenha decorado a obra, a sua *performance* será inaugural. "Cada *performance* nova coloca tudo em causa. A forma se percebe em *performance*, mas a cada *performance* ela se transmuta" (ZUMTHOR, 2000, p. 38-39, grifo nosso). No instante em que a contação inicia, cada espectador começa a transitar entre o real e o imaginário; nossas memórias são revisitadas para darem veracidade ao que o contador multiplica na sua encenação.

A contação de histórias em Caxias do Sul: perfil e procedimentos

A fim de conhecer mediadores de leitura que promovem a contação de histórias como arte performática, escolheu-se como campo de estudo o município de Caxias do Sul, região inicialmente de passagem de tropeiros e ocupado por índios, que somente em 1875 recebe os primeiros imigrantes, de acordo com Seyferth (1999). Em 1910, chegava o primeiro trem ligando o município à capital do RS. Do cultivo da uva e do vinho até tornar-se o segundo Polo Metal-mecânico do País, outras etnias foram fixando residência em Caxias do Sul. Segundo o IBGE, em 2015, o município contava com mais de 475.000 habitantes, sendo importante polo educacional, cultural, comercial e industrial.

De acordo com informações presentes no site da Prefeitura Municipal de Caxias do Sul, no seu Perfil Socioeconômico de 2013, existiam 11 instituições de Ensino Superior (5 universidades e 7 faculdades), 55 escolas estaduais, 85 escolas municipais e 196 escolas particulares de Educação Infantil ao Ensino Médio. Para a realização da pesquisa, solicitou-se à Secretaria Municipal de Educação do município a indicação de cinco professoras contadoras de histórias, a fim de realizar uma entrevista, objetivando conhecer suas trajetórias profissionais ligadas à contação de histórias, ações realizadas nos espaços escolares e resultados obtidos com a mediação de leitura.

A partir de indicações recebidas, foi planejada a realização de entrevista com perguntas já estabelecidas. Após apresentar os objetivos de entrevista para o comitê de análise da Secretaria de Educação do município e sua posterior comunicação de despacho autorizando, em dezembro de 2016 realizamos as entrevistas com as professoras, após assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. As questões elaboradas desejavam conhecer os profissionais que contam histórias, suas trajetórias e propostas para dinamização da leitura por meio da contação de histórias nos espaços escolares.

Ao nos debruçarmos sobre os relatos das entrevistadas, vamos conhecer suas trajetórias e sua maneira de olhar o mundo, sendo que, inicialmente, focamos em como se constituíram contadoras de histórias. Iremos estabelecer conexões entre estas informações e a presença de diferentes manifestações para a realização da contação. Importa lembrar que apresentamos o relato de cinco professoras que, durante a sua trajetória na Rede Municipal de Educação de Caxias do Sul, optaram em realizar a contação de histórias.

Nesta teia de relatos, vamos trazer à cena cinco narrativas que, para muitas crianças, jovens e adultos em Caxias do Sul, representam fantasia, alegria e imaginação. Cada uma dessas educadoras traz consigo uma longa trajetória no ofício da contação de histórias, sendo que nenhuma realiza esta atividade há menos de quinze anos. Utilizaremos para as citações os nomes fictícios Açucena, Amor Perfeito, Hortênsia, Íris e Papoula.

O foco deste estudo são os professores contadores de história. O perfil das cinco professoras da Rede Municipal de Ensino de Caxias do Sul é apresentado no quadro a seguir:

Quadro 01 – Características das professoras contadoras de histórias entrevistadas

Pseudônimos	Local da entrevista	Tempo da entrevista	Período na Rede Municipal	Período contando histórias	Idade
Açucena	Biblioteca da EMEF Bento Gonçalves da Silva	15'23	23 anos	15 anos	42 anos
Amor Perfeito	Biblioteca da EMEF Américo Ribeiro Mendes	17'25	30 anos	07 anos	54 anos
Hortênsia	Biblioteca Parque da Estação	19'30	37 anos	17 anos	57 anos
Íris	Residência da Entrevistada	18'25	31 anos	23 anos	53 anos

Papoula Biblioteca da
EMEF Angelina 18'19 19 anos 13 anos 47 anos
Sassi Comandulli

Cada professora leva consigo histórias repletas de fantasia e, principalmente, a busca constante em como desempenhar sua arte da melhor forma possível, instigando e envolvendo seu grupo de alunos com as mais diferentes possibilidades para a sua *performance*.

Vamos discorrer sobre os procedimentos adotados pelas entrevistadas para realizar a contação de histórias nas escolas, suas relações com o livro e, principalmente, a utilização do corpo e de objetos cênicos para a atividade literária. Bedran (2015) relata a importância da sua mãe que, além de contar histórias, também tocava violão. A autora, logo aos 5 anos, ouvia a coleção *Disquinho*, criada por Braguinha, e afirma que estas situações foram fundamentais para sua posterior vida profissional, sua formação como contadora de histórias e musicista.

Ao presenciarmos uma contação de histórias, podemos somente escutar a leitura de um texto ou acompanharmos inúmeras ações e caminhos que o contador pode escolher, ambas as ações podem nos maravilhar, depende da preparação do profissional que realizará a contação. A professora Açucena relata na entrevista que, para uma contação de histórias, o primeiro passo é ir além das salas de aulas, possibilitar um espaço diferente aos estudantes, construir um espaço cenográfico. Conforme a professora Açucena, "*a criança tem que sair daquele espaço sala de aula, ir para biblioteca ou para qualquer outro espaço*"; ela sugere que é importante que seja apresentada uma história que emocione a plateia. A afirmação aponta a relevância de uma contação baseada não somente no local onde é realizada, mas também se faz imperativo a necessidade de sensibilizar o espectador com a história. Dauster (2003) elucida que:

[...] o leitor se constrói de forma complexa, mediante identificações e gestos, práticas escolares e extraescolares, em contato com os livros, histórias contadas e pessoas que dão pertinência à leitura, uma vez que a têm como valor e prática do cotidiano, em horizontes em que liberdade, escolha e opção iluminam o trajeto. (DAUSTER, 2003, p. 98).

A contação de histórias promove o prazer pela leitura, indiferentemente do espaço em que está, possibilitando uma transformação pessoal de cada participante através dos tempos. A respeito da seleção de um texto, Hortênsia explica que "*as histórias não estão talvez adequadas para aquela público, embora aquela história possa tratar de uma temática universal, pode ser uma questão humana*". Entendemos que existem determinadas obras que irão dialogar mais com um grupo, e outros grupos terão maior interesse por outras histórias. É fundamental que o contador tenha sensibilidade na definição da peça a ser selecionada para determinado grupo.

A escolha de Papoula revela um caminho prazeroso para o seu percurso profissional e rico para os estudantes que a cercam. A atitude da professora evidencia o perfil artístico da contadora, conforme pode-se observar na seguinte afirmação dela: "*Na hora da contação da história, tu tens que ter um domínio maior do que o livro; se tu estiveres só com o livro, contando a história com o livro na mão, a história não vai sair do livro*". O livro deve ser fonte viva para a nossa criatividade, para a fluidez artística, de pensamento e resgate das memórias guardadas em nosso ser. Ao nos determos nas palavras e entregarmos as mesmas como se o espectador realizasse a leitura, de forma linear, estamos limitando, ou até mesmo extinguindo, o processo criativo de construção de sentidos que ocorre intermediado pela contação de histórias.

Papoula relata que as melhores histórias contadas por ela "*são aquelas que eu não leio, são aquelas que eu conto sem o livro, depois eu pego o livro e mostro*". Ela insiste que é necessário olhar nos olhos dos estudantes, permitir que seu corpo fale durante a contação, incitar a participação da plateia, se necessário. Compreendemos essa ação como uma verdadeira apresentação cênica.

As falas colhidas nas entrevistas com nossas contadoras de histórias convidadas nos remetem ao ato de se relacionar, de interagir com o espectador, de colocar voz e movimento na contação de histórias, qualificando a *performance* - e este pensamento vai ao encontro dos estudos de Sisto (2012), o qual afirma que contar uma história é como construir um filme. Temos que preparar mentalmente cada ação que será realizada na contação. Sermos hábeis para recontá-la de memória, sem que tenha sido preciso decorá-la, escolhendo gestos e vozes que serão utilizados como continuadores da palavra. A palavra, por sua própria força, motiva gestos e expressões que fluem de forma natural, como continuidade, nunca de forma abrupta.

O espectador, como na leitura individual, é motivado a recriar, construir os elementos necessários para a atividade literária. Papoula declara que "*tem que prender a atenção deles, senão a história se vai, se perde. E, quando eu conto uma história sem o livro, percebo que eles ficam mais atentos*". A contadora ainda nos apresenta que, pelo fato de não contar com o exemplar em mãos, pode se movimentar melhor, andar, pois o corpo fala de muitas formas: "*nessa hora eu percebo que é mais proveitoso até pra mim enquanto contadora*". Resguardada a relevância do livro, acompanharemos a presença permanente da movimentação e expressividade corpórea, a utilização vocal e outros elementos para envolver o espectador na contação de histórias.

Um contador de histórias, inicialmente, precisa formar seu repertório, escolher a história que vai contar. Hortênsia alerta para a importância da escolha das obras que serão contadas, pois essas histórias serão o nosso próprio repertório pessoal. Quando escolhemos uma história para ser contada, fazemos essa opção por muitos motivos, mas é fundamental que gostemos da obra, que ela nos emocione. As histórias que vamos contando, vão transformando nossa forma de ver e de se colocar no mundo. Segundo Gregório Filho (2002):

Somos aquilo que vamos adquirindo ao longo da vida. Os primeiros jogos, as brincadeiras, as cantigas, os contos vão imprimindo em nós um pouco daquilo que vamos ser quando adultos. Não somos passivos às experiências e, a cada uma aprendida, incorporamos informações, transformados, acrescentamos parte de nossa própria experiência e vamos construindo nosso jeito de olhar a nós mesmos e ao mundo. (GREGÓRIO FILHO, 2002, p. 136).

As histórias incorporadas ao nosso repertório contam um pouco de nós; é possível que quem as escutou, com o passar do tempo, lembre quem foi a professora que contou *tal* história; o contador perde, por vezes, seu nome para ser lembrado pelas obras que um dia contou, pelos personagens que deu vida, pela sua *performance*.

Contar histórias é ação, e toda ação precisa de preparação. Açucena e Íris falam da necessidade de lerem muitas vezes a história a ser oralizada, ensaiada, pensada. Sob esse aspecto, Sisto (2007) assegura que "a arte de contar exige um fazer anterior, um preparo, um domínio prévio, um conhecimento, estudo, ensaio, profundidade. E é, evidentemente, exercício de longo prazo" (SISTO, 2007, p. 40). O mesmo autor nos faz refletir sobre a necessidade de se contar bons textos, uma ação que integra técnica e repertório, criando um perfil único do ser performático, o contador. Segundo Sisto (2012),

O estilo de narrar ou contar uma história determina a identidade do artista e a forma como ele se mostra perante o observador de sua obra. A forma que a obra ganha, a configuração que adquire, confere-lhe um estilo. E confere também um estilo a seu criador. No caso da narração oral, há uma sobreposição de estilos: o que é dado pelo texto e o que é dado pelo narrador. Esse estilo só ganhará o status de artes se ele estiver atendo aos fundamentos estéticos que sustentam sua obra (no caso, a narração oral). Sabe-se que o estilo de cada narrador ganha consistência quando a relação entre o texto e o narrador se confunde, obedecendo a mesma ideia original da obra. Perceber quais elementos estão em jogo, como manipulá-los, e fazê-lo de forma harmônica, controlada e plástica – isso já é fazer arte. E se a obra atingir os sentidos do público para quem ela se dirige, ela será reconhecida. (SISTO, 2012, p. 150).

Respaldados por outro teórico, seguimos conscientes da importância na preparação anterior ao ato de contar a história. Coelho (2004) afirma que "estudar a história é ainda escolher a melhor forma ou o recurso mais adequado de apresentá-la" (COELHO, 2004, p. 31). Não existe a necessidade em decorar o texto, mas sentir-se seguro para levar ao grupo de estudantes é tarefa essencial. Açucena aproveita todos os seus momentos livres para a preparação da história a ser contada. Segundo ela, "*às vezes estou no carro dirigindo e pensando em tal parte da história, 'ah nessa parte poderia dar mais ênfase, nisso e naquilo'*"; já Íris confirma que as histórias tornam-se vivas ao experienciá-las de muitas formas.

Amor-Perfeito preocupa-se com a preparação para contação de histórias, com recursos a serem utilizados. Ao saber qual história vai contar, busca assessórios como avental, fantoches, varais ou, até mesmo, potencializa a contação com variações na voz e no gesto, dando aos personagens do livro vida própria. A professora Papoula traz um registro de quando era estudante e ouvia sua professora contando histórias. Ela afirma que a turma era agitada e sua professora usava o gesto, a entonação da voz, e a turma se acalmava para ouvir atentamente as narrativas; "*ali nasceu a minha vontade de contar histórias*". As entrevistadas Hortênsia, Açucena e Papoula explicam acerca de várias técnicas para a contação, valendo-se prioritariamente do recurso corporal, conforme o relato de Hortênsia nos elucida:

"A gente coloca muitas vezes o tom de voz, tu não precisa gritar, tu estás dialogando através de um texto, aí que está, se tu conhece esse texto, tu vai imprimir nele a carga de emoção, essas ligações todas têm que ser feitas com certo cuidado porque a expressão diz, então se tu vai te movimentar demais, por exemplo, tu tem que ter muita prática com públicos; quando tu te movimentas com certo exagero, as histórias, elas se perdem".

Precisamos do corpo, do gestual, todos esses elementos agregam para a *performance*, enriquecem a atividade, mas o exagero também é prejudicial, sendo fundamental a consciência do profissional na preparação da contação para que não dê mais importância à *performance* do que ao livro ou à história. No teatro, os elementos que estão em cena devem ser utilizados, caso contrário, deixariam na plateia uma lacuna sem respostas; na contação de histórias, a organização de muitos assessórios ou figurinos pode levar o público para outros caminhos, e a plateia poderá sair da contação com poucos registros sobre a história apresentada.

Amor-Perfeito apresenta uma realidade muito comum nos espaços escolares, que é a utilização da narração de histórias como processo para abordar temas estabelecidos no conteúdo programático escolar. Datas festivas, eventos importantes e temas delicados para serem abordados com os estudantes são constantemente solicitados pela aula de contação de histórias.

Conforme Tahan (1966), descobriu-se que a contação de histórias vai além do gosto pela leitura, pelo entretenimento; a prática estabelece uma relação de admiração e conquista do estudante. Contar histórias é prazer e envolvimento. A professora Hortênsia defende que contar histórias é se relacionar com a alma, e os sentimentos vivenciados por meio das histórias que surgem em você, automaticamente, serão despertadas no espectador. São inúmeras as possibilidades que se criam entre o livro, o narrador e o público; as vivências do contador interagem com as experiências dos estudantes que acompanham a narração. Segundo Rodrigues (2005),

A contação de histórias é atividade própria de incentivo à imaginação e o trânsito entre o fictício e o real. Ao preparar uma história para ser contada, tomamos a experiência do narrador e de cada personagem como nossa e ampliamos nossa experiência vivencial por meio da narrativa do autor. Os fatos, as cenas e os contextos são do plano do imaginário, mas os sentimentos e as emoções transcendem a ficção e se materializam na vida real. (RODRIGUES, 2005, p. 4).

Quando nos entregamos ao preparo de uma contação de histórias, nos deixamos levar pelo sentimento na escolha da obra, criamos cenas em nosso imaginário, ávidos para contar e provocar o mesmo fascínio que tivemos no primeiro encontro com o livro, mas, também, importa estarmos atentos aos anseios do público que nos acolhe, possuindo repertório, a fim de ofertarmos textos que atendam à demanda do grupo. A contação de história não é ação isolada; o contador, o livro e o público são fundamentais. Nesse sentido, Sisto (2007) ensina que "nenhum contar é definitivo e pronto e acabado. Toda história contada oralmente é, antes de tudo, uma obra em processo, que precisa do outro para ser completada" (SISTO, 2007, p. 40). O contador de histórias, ao escolher o texto, identifica-se com o mesmo e questiona-se se esta obra trará o estudante para participar com ele no processo que ocorre durante a contação de histórias.

A importância do prazer na realização da contação de histórias fica evidente nas entrevistadas. É recorrente nas cinco profissionais o amor pela profissão, o cuidado com os procedimentos adotados para a contação, o beber em diferentes artes para o exercício da sua *performance*, o respeito pela escolha de uma história, a preparação da mesma até chegar ao receptor, no estudante, que desejamos, recorra depois ao livro para ler a história contada e recrie outras histórias por meio da obra escrita.

Considerações Finais

Aplaudimos os caminhos trilhados pelas entrevistadas na construção de uma *performance* única para cada momento, não somente por escolherem boas histórias para serem contadas, mas por utilizarem recursos artísticos envolventes para qualificarem a atividade e, principalmente, pelo prazer na realização da contação de histórias.

Ao acompanhar as histórias contadas, o estudante agrega ao seu signo seus registros, o comportamento do contador de histórias, seu modo de contar, postura de corpo, ampliando suas concepções linguísticas. O modo como se efetiva a dinamização da contação, desde o segurar do livro, ao passar as páginas, à utilização da voz e do corpo, é assimilado pelas crianças e adolescentes. Seguindo a mesma linha, Zumthor (2000, p. 90) orienta, alicerçado na sua concepção para a *performance*, que "[...] o corpo é ao mesmo tempo ponto de partida, o ponto de origem e o referente do discurso". O contador de histórias é dotado de infinitas possibilidades, e a utilização do corpo é fundamental para expressar sensações e emoções intermediadas pela narração de histórias.

O ato de contar histórias almeja promover o aconchego do espectador, "pelo embalo do acalanto; pelo espírito de amorosidade que flui numa narrativa oral realizada com prazer", conforme reitera Busatto (2006, p. 58). Enfim, ao unirmos as potencialidades de diferentes espaços, nossa voz, nosso corpo e nossos gestos para a qualificação do ato de contar histórias, conseguimos realizar um processo de potencialização para as artes, por meio das mesmas em diferentes *performances* realizadas por cada contador de histórias.

Nas vozes de nossas entrevistadas, acompanhamos a importância do amor pelo livro, pelo ato de contar histórias, mas também tivemos a oportunidade de vislumbrar caminhos para a contação de histórias na escola. Foram apontados princípios básicos, como escolher com cuidado a história para ser contada, conhecendo-a detalhadamente para não existirem problemas durante a narrativa, e contá-la com a utilização do corpo, com ritmo e tempo que cada história necessita. A movimentação corporal também auxilia na movimentação do espectador que, mesmo parado, corre os olhos no contador em deslocamento. A voz pode oscilar conforme os personagens, estimulando sempre a imaginação.

Ao trilhar as últimas palavras deste estudo, sinalizamos para a importância da *performance* e sua relação com a ação de contar histórias, bem como na promoção e formação de leitores literários na sociedade, principalmente no ambiente escolar, partindo da realidade presenciada em Caxias do Sul. A arte da contação de histórias como *performance* exige preparo e envolvimento, mostrando-se prazerosa para o grupo de estudantes. Uma boa contação de histórias é momento em que as artes circundam a biblioteca, desempoeiram os livros e permitem que as palavras ganhem significados.

REFERÊNCIAS

BANDINI, Alice. A arte de contar histórias e a biblioteca pública. In: MORAES, Fabiano; GOMES, Lenice (org.). **A arte de encantar: o contador de histórias contemporâneo e seus olhares**. São Paulo: Cortez Editora, 2012. p. 79-95.

BEDRAN, Bia. Cantar e contar histórias. In: MEDEIROS, Fábio Henrique Nunes e MORAES, Taiza Mara Rauen (Org). **Contação de Histórias: Tradição, poética e interfaces**. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2015.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 6. ed., São Paulo: Brasiliense, 1996.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *In: Revista Brasileira de Educação*. Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, jan/fev/mar/abr. 2002.

BUSATTO, Cléo. **A arte de contar histórias no século XXI: tradição e ciberespaço**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2006.

BUSATTO, Cléo. **Contar e encantar: pequenos segredos da narrativa**. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

COELHO, Betty. **Contar histórias: uma arte sem idade**. 10. ed. São Paulo: Ática, 2004.

DAUSTER, Tânia. **Jogos de inclusão e exclusão sociais**: sobre leituras e escritores urbanos no final do século XX no Rio de Janeiro. In: YUNES, Eliana; OSWALD, Maria Luiza (Orgs). *A experiência da leitura*. São Paulo: Loyola, 2003.

GIRARDELLO, Gilka. Na clareira do presente: o diálogo narrativo entre as gerações. In: GOMES, Lenice. MORAES, Fabiano (Org.) **A arte de encantar: o contador de histórias contemporâneo e seus olhares**. São Paulo: Cortez, 2012. p. 41-57.

GREGÓRIO FILHO, Francisco. Práticas leitoras (de cor... coração): algumas vivências de um contador de histórias. In: YUNES, Eliana (Org.) **Pensar a literatura: Complexidade**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2002. p. 136-151.

RODRIGUES, Edvânia Braz Teixeira. **Cultura, arte e contação de histórias**. Goiânia, 2005.

SEYFERTH, Giralda. A colonização alemã no Brasil: etnicidade e conflito. In: **Fazer a América**. São Paulo: Edusp, 1999, p. 272-311.

SISTO, Celso. Contar histórias, uma arte maior. *In: MEDEIROS, Fábio Henrique Nunes & MORAES, Taiza Mara Rauen (orgs.) Memorial do Proler: Joinville e resumos do Seminário de Estudos da Linguagem*. Joinville, UNIVILLE, 2007.

SISTO, Celso. **Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias**. 3. ed. Belo Horizontes: Aletria, 2012.

TAHAN, Malba. **A arte de ler e contar histórias**. 5. ed., Rio de Janeiro: Conquista. 1966.

YUNES, Eliana. Contar para ler: a arte de contar histórias e as práticas de leitura. *In: GOMES, Lenice. MORAES, Fabiano (Org.) A arte de encantar: o contador de histórias contemporâneo e seus olhares*. São Paulo: Cortez, 2012. p. 59-77.

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral**. São Paulo: Hucitec, 1997.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, Recepção, Leitura**. São Paulo: EDUC, 2000.